

Sei pouco de Kimie

Há uma fotografia dela em preto e branco na casa de tio Ichiro, as bordas cortadas em pequenas ondas pontudas, amarelada, em meio a tantas outras igualmente antigas, perdida numa caixa de camisa. Quem se lembra dela? Homens e mulheres se instauram em algum momento, depois o tempo impõe os extravios. O tempo — sua reta inflexível como o traçado de uma flecha certa no ar, sua norma inquestionável e singular — vai manchando as imagens, apagando algumas, gravando ruídos no verbo, e logo se duvida do que foi dito, ou se necessita preencher as elipses, realçar os contornos para que se possa ver, ou inventar traços e cores em folhas em branco. Não se pode fiar em palavras, mesmo as de vovô, em cujas lembranças procuro os vestígios de Kimie, e mesmo as de tio Ichiro, que registrou um vago perfil da primeira esposa do pai porque algumas vezes ele lhe falou sobre ela. Mas é o que tenho além da fotografia desbotada, onde a vejo: baixinha, magrinha, encolhida ao lado de *ojiichan*, pronta para o trabalho, metida num vestido claro, abotoado até o pescoço, de mangas longas fechadas no punho, e numa calça amarrotada. Na cabeça e no pescoço, lenços para se proteger do sol. Seus olhos assustados não se fixavam à câ-

mera, embora olhasse para a frente. Ao fundo, a fachada principal da casa velha, de madeira escurecida pelo tempo e pela sujeira, onde morava.

Tio Ichiro me contou algumas coisas dela que o vovô havia lhe dito muito tempo atrás, coisas de que o próprio *ojiichan* se esquecera: que se afeiçoara a uma galinha e se recusava a matá-la, que a levava ao meio do mato e a soltara para não ser obrigada a sacrificá-la; que um dia, ao puxar o rastelo de baixo de um pé de café, trouxera junto com as folhas uma cobra-cega e então desmaiara; que fizera amizade com uma negra que morava na colônia, uma negra que fazia rezas e chás e curava doentes. E me pus a imaginar como se tornariam amigas uma imigrante japonesa que chegara havia pouco tempo do Japão e uma mulher negra na segunda década do século 20.

Ojiichan, comparando Kimie com a vovó, disse que eram muito diferentes, que ela, Kimie, era medrosa, fraca, que não servia para o trabalho duro da lavoura. E falou, rindo um riso que não ria havia muito tempo, um riso que trazia do passado distante, que ela ficou esperando pela neve no Brasil. Eu me surpreendia enquanto o riso ia se transformando em um sorriso melancólico. Agora via nas marcas de expressão de seu rosto e nos olhos cansados uma mágoa que trazia daquele passado. Eu disse:

“Gostaria de ter conhecido essa mulher.”

“Para quê? Não fazia nada direito, mal falava.”

Mas gostei de Kimie, interessei-me por ela. Pensei nela como personagem, alguém que nasceu da espera pela neve numa fazenda, no interior de São Paulo.

Eu a encontrei, primeiro, no navio, na longa viagem do porto de Kobe, no Japão, ao porto de Santos, no Brasil.

Calada. Assim eu a imaginei: ao lado de Hideo, o marido, sempre calada, cabisbaixa, encaramujada. Os cabelos estavam presos, mas mal-arrumados, com fios desalinhados. Usava um

quimono pobre, de tecido claro, com bolinhas rosadas, que ia até os tornozelos. Nos pés, meias brancas e chinelos com base de palha e tiras de pano. Parecia, então, menor do que realmente era. Quase inexistente.

Depois — era outra hora, provavelmente um fim de tarde — eu vi os homens conversando animadamente sobre seus planos. Um, ao lado de Hideo, falava alto para que todos conhecessem seu projeto, para que todos compartilhassem dos seus sonhos: ficar no Brasil durante quatro, cinco anos.

“Os anos passam depressa”, disse sorrindo, ao mesmo tempo em que se preparava para fumar um cachimbo.

Depois, com bastante dinheiro no bolso, abrir um pequeno restaurante em Yokohama, servir sashimi com um shoyu especial que sua mulher, só ela, sabia fazer.

“Não é mesmo, Marichan?”

Deixar os concorrentes transtornados.

“Não é mesmo, Marichan?”

A esposa, um pouco distante, em conversa com outras mulheres, mas atenta ao marido, concordava:

“*Hai.*”

Outro, fungando a coriza do resfriado que contraíra no porto de Kobe, onde ficara bastante tempo sob uma chuva fina, disse que queria voltar para a lavoura de arroz, que lavar a terra era a única coisa que sabia fazer.

Um terceiro lamentava a queda da exportação da seda para os Estados Unidos, pois a sua família tinha uma criação de bicho-da-seda e de repente não podia produzir mais, não tinha mais compradores, e não restara outra saída senão ir ao Brasil. Ia com o pai e os dois irmãos. A mãe ficara no Japão, na casa da avó. Fora reprovada no exame médico obrigatório realizado alguns dias antes da viagem porque estava com tracoma. Não sabia que os olhos vermelhos, cheios de muco, constituiriam

um impedimento para viajar ao Brasil com a família. Mirando o piso do convés, o homem lamentou, disse que era tudo um grande sofrimento, pois nunca pensara em sair do Japão, que deixara a mãe aos prantos no porto, que queria voltar logo, o quanto antes, depois abrir em sociedade com os irmãos e o pai uma marcenaria para fabricar mesas, armários, prateleiras, que quando era criança gostava de brincar com madeira.

Um quarto homem, de cabelos longos e cavanhaque, o rosto muito sério, figura próxima àquelas que se vê em filmes de samurai, esfriou o ânimo dos demais. Sussurrou primeiro um sussurro que não era humano, que era um lamento de animal desterrado, incompreensível. Depois disse, como se dissesse para si mesmo, que após a partida ficara na amurada por longo tempo olhando o porto, as pessoas acenando, algumas balançando bandeirinhas, tornando-se cada vez menores à medida que a embarcação se afastava, enquanto, no navio, homens e mulheres ainda gritavam *banzai*, e não dava para saber se festejavam ou lamentavam aquela viagem. Depois a vista foi se estendendo, e então o que se via era a cidade, que também foi encolhendo. Pensou que nunca mais veria o Japão, por isso não saiu da amurada até o mar engolir a última mancha esverdeada de uma montanha distante.

Os outros homens o ouviram assustados, surpresos com aquele prenúncio de um futuro em exílio.

“Não seja tão pessimista”, disse alguém.

Não era pessimismo, prosseguiu o homem. Era uma forma de pensar no porvir para não ser surpreendido. O Brasil ficava do outro lado do mundo, um lugar inimaginável, por mais que lhes dissessem que era uma ótima terra para se ganhar dinheiro. Um país desconhecido, com homens estranhos, que poderiam ser violentos, que poderiam querer impor normas difíceis ou até impossíveis de serem cumpridas por japoneses. Um país

subdesenvolvido, onde poderia haver epidemias. Não lhes haviam dito se haveria médico quando alguém ficasse doente, se haveria um navio que traria de volta aquele que não se adaptasse ao trabalho na lavoura de café, se haveria a quem reclamar se um *nihonjin* fosse maltratado. Era um artista, sua mão estava acostumada a segurar pincéis leves e a traçar singelamente riscos sobre peças de barro.

Uma voz se impôs, interrompendo:

“Desculpe dizer, Kimurasan, mas ter uma ideia tão negativa a respeito de nossa ida ao Brasil é falta de patriotismo, é um desrespeito ao imperador. Ele quer que emigremos, que fiquemos um tempo em terra estrangeira, mas que voltemos depois, com bastante dinheiro, e ajudemos no desenvolvimento do país. Será a nossa contribuição. E ninguém vai pensando que encontrará um trabalho fácil, que não será exigido suor. O governo não nos enganou dizendo que ganharíamos dinheiro com arte. Se Kimurasan não aguenta empunhar uma enxada, não deveria estar neste navio.”

Era a voz de *ojiichan*.

Houve um breve constrangimento, ninguém sabia o que dizer. O homem de cabelos longos e cavanhaque prosseguiu:

“Inabatasan, sei muito bem que uma enxada pesa mais que um pincel e que no Brasil vou fazer o meu traçado sobre a terra, não mais sobre vasos e bules de chá. Não é o que me preocupa, eu já fui lavrador e sou jovem e forte para aguentar o trabalho duro sob o sol. O que me deixa apreensivo é que lavraremos uma terra alheia, estrangeira, e obedeceremos às ordens dos donos dessa terra, que não conhecemos. Os meus vizinhos sempre foram *nihonjin*, eu ia ao mercado e era um *nihonjin* que me vendia cereais, eu ia comprar tinta e era um *nihonjin* que me atendia, conversava comigo em *nibongo*.”

“A gente aprende a falar brasileiro”, arriscou alguém.

“Veja, nem isso vocês sabem. No Brasil não se fala brasileiro, lá se fala português, porque o país foi colonizado por portugueses. E não se aprende a falar uma língua estrangeira de um dia para o outro. Vocês devem se preparar para um começo de dificuldades para não serem surpreendidos.”

Sem falar mais, o homem se afastou. Então *ojiichan* sorriu:

“Vamos ao Brasil contentes, cheios de esperança. Não podemos permitir que um pessimista como Kimurasan contamine o nosso ânimo.”

Todos o aplaudiram, e logo o ar pesado se desanuviou. Hideo prosseguiu, agora sobre os seus projetos pessoais: teria uma loja de utensílios domésticos em Tóquio ou Osaka, já que o Japão estava se industrializando, fabricando peças em série, e precisava de comércio para vendê-las. Teria três ou quatro funcionários, quem sabe meia dúzia. Seria patrão. Daria à mãe, que já sofrera tanta penúria, um pouco de conforto. Falar da mãe embargou-lhe a voz, calou-se por um instante, mas logo se animou novamente. Disse que a loja teria uma grande variedade de produtos, todos de boa qualidade, pois seu comércio teria fregueses da alta sociedade. Não perguntou a opinião de Kimie. Ela teria gostado que lhe dissesse: “Não é mesmo, Kimichan?”. Responderia que sim, com sinceridade, ou simplesmente sorriaria e acenaria com a cabeça, concordando.

Hideo continuou:

“No Japão, só ganham dinheiro com a agricultura os latifundiários.”

E se dirigindo ao homem que pretendia voltar à lavoura:

“E Hanadasan não está pretendendo comprar um latifúndio, não é?”

Riu. E prosseguiu em tom professoral, dizendo que os pequenos proprietários estavam à míngua, que os impostos eram elevados, que o governo apoiava mais a indústria. É claro que al-

guém deveria produzir alimento para o povo, mas que se encarregassem disso os grandes proprietários. O governo investira na construção de usinas geradoras de energia, em indústrias de fiação de algodão e em siderúrgicas para o país se modernizar.

“A vida agora acontece na cidade”, completou.

Kimie, sentada sobre as pernas, as mãos pousadas uma sobre a outra, pensava que preferiria, como Marichan, abrir um pequeno restaurante, onde poderia se dedicar a preparar as iguarias que sua mãe lhe ensinara a fazer, enquanto o marido se encarregaria do atendimento e do caixa. Logo, porém, desviou suas ideias para a loja de utensílios domésticos, pois desejar outra coisa seria inútil. Então sonhou com a loja, mas sem saber se era a mesma que habitava as expectativas do marido. Seria bom viver entre panelas, hashis, colheres, jarros, canecas, tigelas, vassouras, cestos, talvez algum vaso, pois vasos, embora não fossem úteis para os homens e as mulheres, alegrariam os olhos. Seria bom dispor as peças nas prateleiras, limpá-las, vendê-las para que alguém vivesse melhor com elas.

Depois, quando o navio chegou ao porto de Santos, vi Kimie se espremendo em meio a homens e mulheres maiores que ela, procurando um espaço na amurada. Primeiro a surpresa agradável da recepção feita pelos japoneses que já moravam no Brasil, a alegria de ver tremulando no ar pequenas bandeiras brancas com a bola vermelha no centro, a confortável sensação que substituiu o desassossego que estava sentindo desde que o capitão anunciara que o navio estava próximo de terras brasileiras. Logo as outras caras, criaturas estranhas, e principalmente, a visão assustadora dos negros, estivadores carregando enormes cargas, gente jamais imaginada, nunca vista em gravuras de livros.

Após a pequena confusão para cada um encontrar a sua bagagem, todos foram de trem a São Paulo, para a Hospedaria de Imigrantes, no bairro do Brás. No trajeto, Kimie olhava pela ja-

nela do vagão com o olhar curioso do estrangeiro: a mata cerrada, as árvores se enroscando umas nas outras em encontros promíscuos, confundindo-se na paisagem com seus galhos-braços envolvendo as vizinhas em abraços, os cipós finos e os cipós grossos assegurando que esses encontros fossem duradouros, as bananeiras e suas enormes folhas, os manacás se destacando em meio ao verde em branco e rosa, os coqueiros eretos, elegantes. Depois a paisagem urbana da metrópole: o amarelo pálido dos prédios e dos casarios, os homens em roupas escuras e passos rápidos, os bondes recolhendo e deixando gente nas ruas. Kimie perguntava algumas coisas a Hideo, não tudo, pois era esposa, e sua curiosidade era maior que a paciência do marido. Hideo respondia o que sabia com o orgulho de quem sabe e o que não sabia com o orgulho de quem não sabe. Kimie entendia algumas coisas, outras não, pois as explicações não eram sempre claras, mas não repetia nenhuma pergunta, conformava-se com os fragmentos.

Ao deixar a hospedaria no dia seguinte, um funcionário lhe disse algumas palavras, e um intérprete da Companhia de Imigração, que estava a seu lado, traduziu a frase: que eles, os japoneses, eram bem-vindos, que eram todos muito educados, muito organizados, e que seria bom se todos os imigrantes fossem assim. Ela disse, então, pela primeira vez, uma palavra em português:

“Obrigada.”

O intérprete lhe explicou em seguida que o mesmo funcionário havia se queixado de outros imigrantes, que deixavam os quartos sujos e desarrumados.

Depois, outra viagem de trem, agora de São Paulo para o interior. Na moldura da janela, apareceram os primeiros cafezais. Hideo, como quem sabia, explicava à esposa:

“Veja, é o café.”

Após a viagem de trem, o desembarque na pequena estação do interior, mais alguns quilômetros na carroceria de um velho

caminhão, e, finalmente, vi Kimie na casa da fazenda, na casa da fotografia.

“*Ojichan* lembra o nome da fazenda?”

“Ouro Verde.”

O nome da fazenda era a promessa que lhes haviam feito no Japão, metonímia de uma terra sem fim, onde faltavam braços para arrancar de suas entranhas a riqueza que oferecia.

Kimie desceu em frente à casa que lhe havia sido destinada, sentiu os sapatos afundarem no pó. Depois observou a casa aca-nhada, de madeira encardida pelos anos, a mancha escurecida pelos respingos da chuva na parte inferior formando um largo rodapé, as janelas de duas folhas fechadas. Ao lado da porta havia uma pequena estrutura retangular de madeira, uma caixa sem fundo e sem tampa, em que estava fixada uma enxada com o fio voltado para cima. O capataz que os acompanhava percebeu a curiosidade de Hideo e logo se pôs a demonstrar a serventia daquele instrumento: ergueu a botina, colocou-a sobre a lâmina cega e realizou movimentos de vaivém.

“É para limpar os sapatos em dias de chuva”, explicou.

Depois ele abriu a porta, e Kimie sentiu o forte odor que exalava do interior, um cheiro que lhe parecia um pouco de urina, um pouco de comida estragada. Antes de entrar, ergueu os olhos para o marido: era mesmo essa a casa que habitariam? Hideo compreendeu a angústia no olhar de Kimie, porém não disse nada, pois o próprio desapontamento já lhe custava muito. Fez uma pequena pressão em seu ombro para que entrasse, e ela procurou a solidariedade de Jintaro.

“Não era o que esperava, não é, Kimichan? Não podemos fazer nada, é melhor nos conformarmos.”

O capataz abriu as janelas, disse que logo o cheiro se dissiparia, que a casa ficara muito tempo fechada, e como os novos moradores o olhavam sem entender o que dizia, caiu em si, riu,

apertou o nariz com o indicador e o polegar, e com a outra mão, aberta, fez um movimento em direção à janela. Kimie riu, Hideo e Jintaro também riram: era engraçado e hospitaleiro o capataz.

Depois vi Kimie observando o piso de terra batida: os sulcos desenhando mapas no chão, o esboço de seu país no centro da sala. Ela examinou as cortinas penduradas em arames isolando dois cômodos que ficavam ao lado, uma gravura com árvores e morros esquecida pelos ex-moradores fixada com pregos na parede. Foi ao aposento do lado, que lhe parecia ser um quarto, mas sentiu falta de um armário para guardar as roupas e de uma cama. Então, sem lembrar que o capataz não entenderia suas palavras, perguntou-lhe sobre os móveis e, mesmo depois que ele lhe demonstrou com o semblante que nada compreendia, seguiu cobrando, quase chorando, perguntou onde dormiriam, onde guardariam suas roupas. Em seguida fez gestos, e o capataz entendeu, disse que não havia móveis. Falou devagar, traduzindo as palavras com a mão, que apontava o piso duro. Explicou que os colonos deveriam fabricar as camas, os armários, as prateleiras, a mesa, as cadeiras, que havia madeira na fazenda, ou então que fossem à cidade comprar os móveis. Se não tivessem colchões, poderiam usar palha de milho, era o que a maioria fazia.

Quando o capataz acabou de falar, Kimie ouviu Mariko, que seria sua vizinha, dizendo em voz alta ao marido que não ficaria, que ele havia prometido uma casa de alvenaria, o soalho de tijolos.

“Vamos deixar tudo no chão por enquanto”, disse Hideo. “Depois fabricaremos os nossos móveis, não compraremos nada, não podemos já gastar o pouco dinheiro que temos.”

Na primeira noite, estenderam panos sobre o chão para dormir. Hideo observou a esposa e sentiu pena:

“Me desculpe, Kimichan, eu não esperava que fosse tão difícil.”

Kimie se virou para o marido, surpresa. Hideo nunca lhe falava assim, com a voz terna, e nunca lhe pedia desculpas por nada.

Não tiveram dificuldades em adormecer, apesar do desconforto, porque estavam muito cansados. Quando acordaram, porém, sentindo dores no corpo, decidiram que era urgente providenciar colchões.

O capataz levou Hideo, Kimie e Jintaro ao paiol e lhes explicou com gestos o que deveriam fazer: debulhar trinta espigas de milho para ganhar, em troca, a quantidade suficiente de palha para os colchões. O tecido para as capas poderia ser adquirido no armazém da fazenda a um preço bem baixo.

A primeira manhã na fazenda: debulhar o milho e ficar com as mãos esfoladas, rasgar as palhas de milho em pequenas tiras, recortar as partes duras da base, descartá-las, recortar o tecido de algodão ordinário com a tesoura cega, costurar dois sacos, um pequeno para Jintaro, outro grande para Hideo e Kimie, recheá-los de palha.

À tarde, quando acreditavam que poderiam se dedicar à fabricação dos móveis, foram convocados à lavoura. Era hora de aprender a capinar. Os japoneses ficaram em torno de um colono, orgulhoso em sua função de mestre. Com uma enxada nas mãos e falando muito, esquecendo-se de que aqueles aprendizes não podiam compreendê-lo, pôs-se a ensinar com palavras e gestos: curvar um pouco o corpo — não muito —, estender a enxada rente ao chão, puxá-la com algum esforço para afundá-la e arrancar a erva daninha, depois revolvê-la para evitar que, encoberta pela terra, voltasse a brotar.

“A senhora, experimente”, disse a Kimie.

Ela entendeu o que significava a enxada estendida em sua direção. Timidamente pegou o instrumento agrícola, que lhe

pareceu mais pesado que nas mãos do homem. Não soube como manejá-lo, atrapalhou-se ao tentar afundá-lo na terra. Então Hideo tomou o instrumento das mãos dela e arrancou algumas ervas daninhas com uma enxadada.

“É assim que se faz!”

O capataz distribuiu enxadas para todos, e todos passaram a tarde capinando.

“*Ojiichan*, só tinha *nikonjin* na colônia?”

Não. Havia italianos, havia brasileiros. Vovô se lembrava pouco dos italianos. Disse das festas que faziam, da alegria incomum em trabalhadores que lavravam terra alheia em um país que não era deles. Mas eu os conhecia dos meus livros de história, dos filmes sobre a imigração italiana. Então pude vê-los: de manhã, quando iam para o cafezal, já cantavam cantigas alegres num grande coro de vozes de homens e mulheres. E à noite se juntavam no terreiro, comiam batata-doce assada na fogueira, comiam bolos, bebiam vinho, cantavam e dançavam. Aos domingos, Hideo e os outros japoneses estavam ocupados com a horta, com os remendos das roupas, recebiam as visitas no quarto, onde, descalços, acomodavam-se na cama para lembrar o Japão, para confessar as frustrações e redefinir projetos. E os italianos levavam bancos e tocos à sombra das mangueiras, ficavam sentados, conversando, gozando o dia de folga. Alguns iam ao terreiro, onde haviam improvisado uma pista para o jogo de bocha. E todos falavam muito alto, falavam muito rápido, falavam muito, homens e mulheres, todos ao mesmo tempo, e Hideo não sabia como podiam se entender daquele jeito.

Eu percorri a colônia, observando as casas. A última era a da Maria, a negra com quem Kimie fizera amizade. Parei, fiquei longo tempo em frente à casa de porta fechada, igual às outras, construída para abrigar homens e mulheres trabalhadores. Então a porta se abriu, e pude ver a sala. Vi uma peque-

na mesa, ao redor da qual havia dois bancos e duas cadeiras, e neles seis pessoas podiam se sentar. Sobre a mesa se estendia uma toalha alegre, com estampa de flores, e sobre ela havia uma moringa de barro e, ao redor da moringa, três canecas de alumínio. Nas paredes, em todas, estavam penduradas gravuras de diversos tamanhos, algumas de santos e santas, outras de montanhas e rios e árvores. Num canto da sala, encolhido, um cachorro magricela e sujo dormia, sem se incomodar com as moscas pousadas ao redor dos olhos. Surgiram depois os moradores: um homem negro, uma mulher negra e duas crianças negras. O homem era forte e sereno. As crianças eram alegres, o menino com uma camisa pequena, o umbigo à mostra, um calção rasgado, e a menina com um vestido reto, em que se usou pouco tecido, quase um tubo. A mulher: altiva, sorridente, bela. Imaginei Kimie no segundo dia, na fazenda, quando abrira a porta ao escutar dois toques leves e dera de cara com aquela mulher alta, forte, de uma cor inacreditavelmente escura, sorrindo, os dentes brancos em contraste com a pele, dizendo alguma coisa.

“Eu sou a Maria. Vim desejar boas-vindas.”

Assustada, com medo, Kimie fechou a porta com força. Que gente era aquela? E foi falar ao marido, que abrira a janela. Então viram, aliviados, que a mulher ia embora, caminhando com passos firmes, sem olhar para trás.

“Não se meta com essa gente”, disse Hideo. “Me disseram que os negros foram escravos no Brasil, que têm raiva de todos os que não são como eles. São uma gente menor, de baixo valor.”

Kimie viu Maria outras vezes, e o seu marido e os seus filhos. Ela, a mulher que lhe sorrisse, que lhe dissesse alguma coisa, não lhe dirigiu mais o olhar. Na lavoura, observava a preta peneirando o café e constatava que ela o fazia melhor que os homens. Gostava de vê-la lançando os grãos para o alto como se esti-

vesse dançando, esperando o café retornar à peneira, as folhas secas e os pauzinhos voando, desprezados.

O marido, um pouco distante, cantava:

*Eu quisera sê penêra
Na coiêta do café,
Pra andá dipindurado
Nas cadêra das muié.*

E ela respondia:

“E eu bem que gostaria de dar com o cabo da enxada na sua cabeça, seu sem-vergonha!”

Kimie se arrependeu de ter fechado a porta na cara da mulher. Aquele sorriso, aquelas palavras, provavelmente eram uma saudação. E depois de vê-la muitas vezes, sempre carinhosa com os filhos, andando de mãos dadas com o marido, carregando enxadas e rastelos, acostumou-se com a sua cor, não tinha mais medo. Hideo a alertou mais uma vez:

“Não se meta com essa gente, eles têm raiva de nós.”

Por isso demorou meses para procurá-la, para se desculpar, dizer que não era costume seu tratar os outros sem educação. Aproveitou uma hora em que o marido estava no ofurô — haviam construído um ofurô fora de casa, junto com os Kawahara, seus vizinhos, aproveitando a habilidade de Jintaro, que trabalhava como carpinteiro no Japão; e todos os dias, frios e quentes, preparavam o banho, e todos de sua família e da família de Kawaharasan se banhavam, e, às vezes, ainda vinham outros vizinhos — e foi à casa de Maria, carregando um repolho enorme colhido em sua horta. Deu duas batidas leves, tão leves que diziam que não queria ser atendida, mas a porta logo se abriu. E aquela mulher grande que tanto a assustara da primeira vez, olhou-a, surpresa. Kimie pensou que ela fosse bater a porta na

sua cara, era natural que o fizesse, mas Maria ficou parada, o rosto sério, aguardando que dissesse alguma coisa. Então, com voz muito baixa, que era a voz que tinha, disse em um português quase incompreensível, misturado a algumas palavras em japonês, que o repolho era de sua horta, que se chamava Kimie, que a desculpasse por aquele dia, que ficara assustada, pois para ela tudo era estranho no Brasil. Então, para seu alívio, Maria lhe exibiu um sorriso grande como ela, de cima para baixo, pois ela era alta, e Kimie, baixinha. E disse para Kimie entrar, fazendo gestos amplos para que a outra compreendesse, disse que lhe prepararia um café, que lhe desculpasse, não tinha nada para dar em retribuição, que nunca tinha visto um repolho tão grande e bonito. Kimie sorriu o seu sorriso pequeno — não que fosse pequeno o seu contentamento, mas era o sorriso que sabia sorrir — e disse que precisava ir embora. Não disse mais nada, pois já era muito para a primeira conversa, e Hideo não poderia sentir a sua ausência.

E as duas, a japonesa e a negra, tornaram-se amigas.

Hideo ficou sabendo da aventura de Kimie: levar um repolho para a família de negros da colônia. Irritou-se:

“Não tinha dito para não se meter com eles? Não lhe disse que eram uma gente ignorante, que poderiam ser perigosos?”

“Não são”, respondeu Kimie. “São trabalhadores como nós.”

“Mas eu proíbo você de voltar lá, de conversar com eles!”

Kimie respondeu que sim. E no dia seguinte, quando Maria a cumprimentou, ela disse um bom-dia nervoso, baixo, receosa de que Hideo percebesse. Depois, na lavoura, aproveitando um momento de distração do marido, aproximou-se da mulher, disse-lhe que não poderiam mais conversar. Maria compreendeu, afastou-se. Mas algumas semanas depois, quando percebeu que Kimie se incomodava com uma coceira no pé, que os japoneses se juntavam em torno dela sem compreender o que ela tinha,

aproximou-se, desculpou-se com Hideo, pediu para olhar e disse que era bicho-de-pé, que não era nada, que, se lhe permitissem, iria à noite a sua casa com uma agulha e resolveria o problema. Hideo disse não, tentou se explicar, mas não conseguia formular a frase em português, dizer que resolveria o problema sozinho, e por isso disse simplesmente não. Maria insistiu, Kimie pediu ao marido que a deixasse ajudá-la. Hideo se manteve firme:

“Não!”

Quem resolveu o problema foi Paola, da primeira casa de italianos da colônia, que foi à casa de Kimie e cavoucou o seu pé com uma agulha de costura e disse que fora Maria quem lhe ensinara. E disse ainda que Maria conhecia rezas para várias enfermidades e fazia chás de ervas que curavam cólicas, dores de cabeça e outras dores.

Um dia, Kimie ficou muito doente, queixou-se de grande cansaço, teve febre, e todos disseram que Hideo precisava levá-la ao médico, mas ele não achava necessário. Que ela descansasse alguns dias, que ela só era uma mulher fraca e despreparada para o labor sob o sol. E ele se resignou com o fazer a comida, pois duvidava que Jintaro o conseguisse, e falou para ele lavar os pratos e as panelas. Então, quando estava a sós com o amigo, disse aquilo: que Kimie não tinha jeito, que deveria ter se casado com uma mulher forte, que aguentasse o trabalho na lavoura, que estava perdido com ela.